

O FIM DA POBREZA X A SANTA POBREZA

O combate entre o moderno e o arcaico ainda é um ato do cotidiano no Brasil. Desde a década de 20 do século passado o movimento modernista revelou os sinais mais claros do que viria a ser a tônica de todo um século: a modernização em todos os setores da vida. Quando se queria desacreditar qualquer processo bastava ser rotulado como arcaico para deslegitimá-lo. Muitas práticas humanas foram perdidas, abandonadas, desvalorizadas e esquecidas porque foram identificadas e classificadas como da velha ordem. O modernismo teve vida breve e mais rápido do que chegou deu provas de esgotamento em todas as promessas que fez de construção de um mundo civilizado. Mas no seu percurso fez muitas vítimas. Uma das mais massacradas foi a pobreza. Quero me deter apenas ao tema da pobreza, que por si só é motivo para um amplo debate.

A modernização seja no modelo socialista, seja no modelo capitalista fez promessas de riqueza material e colocou como padrão de comparação a capacidade de produzir riquezas materiais. Com o passar do tempo ficou claro que nesta disputa o sistema capitalista venceu. Todos os países do norte do globo que aderiram e experimentaram o socialismo se converteram ao modelo capitalista em termos gerais. – resguardadas algumas especificidades. A partir da década de setenta intelectuais e políticos de várias partes do planeta criticaram e condenaram os postulados do sistema capitalista e socialista por muitos motivos. O principal deles era que estes sistemas não consideravam um componente fundamental em seus esquemas: o meio ambiente. Partiam do pressuposto de que as fontes de recursos naturais eram inesgotáveis. Isto naquela época já se sabia que era falso. As promessas de transformar toda a civilização planetária em sociedade de consumo não poderia se concretizar. Dos anos setenta para cá tudo ficou mais claro. Depois do fim do mundo socialista real e o fim da competição entre os blocos socialista e capitalista, o mundo se transformou em um megamercado. Nos Estados Unidos da América o termo “venceu na vida” quer dizer que a pessoa é rica. Um perdedor “lost” é um pobre.

Aqui no Brasil, intelectuais e políticos continuam a produzir peças acadêmicas e plataformas políticas que prometem o fim da pobreza, o combate a pobreza. Aliás, basta que famílias tenham uma pequena capacidade de endividamento e poder de consumo para que sejam imediatamente classificadas e inseridas na classe média brasileira, tamanho é o assombro com a palavra pobreza e o conceito pobreza. Nos anos setenta e oitenta quando era fácil perceber uma verdadeira inteligência entre Padres e Bispos Católicos no Brasil, Dom Hélder Câmara dizia que era necessário combater a miséria e não a pobreza. A pobreza não é um problema. O problema é a miséria. A miséria é que produz as condições indignas para a condição humana.

Uma boa parte das tradições da humanidade alerta e condena a cobiça em excesso por bens materiais . O mito de Midas na tradição pagã Grega e Romana faz o primeiro alerta aos ocidentais. Midas teve um encontro com uma divindade e pediu que tudo que ele tocasse se transformasse em ouro. Assim foi feito e a partir de então, o Rei Midas se tornou um homem solitário. Na tradição cristã, o Novo Testamento da Bíblia é repleto de citações que condenam a riqueza material. Isto pode ser percebido na parábola onde Jesus diz que é mais fácil achar uma agulha no palheiro que um rico entrar no reino dos céus. No sermão da montanha Jesus declara as bem aventuranças: uma das bem aventuranças é sobre a pobreza. Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o reino dos céus . Mil e duzentos anos depois da vinda de Jesus, o cristianismo teve outro personagem emblemático, Francisco de Assis. Segundo Leonardo Boff , Francisco de Assis era um burguês que abandonou tudo: família, riquezas, títulos para abraçar a santa pobreza. Sua vida em comunhão com a santa pobreza tornou possível que o cristianismo recebesse uma de suas mais belas páginas que foi o canto do irmão sol para a irmã lua.

O jejum da quaresma tinha um objetivo de preparação para Páscoa e vida espiritual, mas também como exercício de desapego; na tradição islâmica, o Ramadã também é um período de jejum, de morte dos sentidos, de caminhada para desapego aos bens materiais e vida interior, de sacralização do cotidiano. A tradição soto zen (budismo) tem uma prática de vida simples - pobreza material.

Nos meios de comunicação, no meio acadêmico existe uma homogeneização entre os conceitos miséria e pobreza. A construção de um novo paradigma de sociedade deve resgatar antigos conceitos e hábitos culturais. Por exemplo, os três r do desenvolvimento sustentável: reduzir, reciclar e reutilizar. A idéia do jejum de Páscoa para nossa sociedade tem uma relação muito interessante com a redução, jejuar o consumo, controlar a vontade de consumir, de ser influenciado pelos meios de comunicação. Aqui não estou com saudosismo de paradigmas - a perspectiva é a partir das tradições antigas, costumes, crenças e valores que ainda estão no inconsciente e no imaginário coletivos. Mas resgatando a tradição, o arcaico para darmos um salto para um novo paradigma societário.

Romeu Lemos é Mestre em Desenvolvimento (UFPE), ex-diretor de Associativismo e Cooperativismo da Prefeitura de Recife, ex-coordenador da Incubadora Pública de Economia Popular e Solidária de Santo André, ex-coordenador da Rede Nacional de Gestores Públicos em Economia Solidária.